Março-2016
Informativo
ANO I - Nº 7

FÓRUM INTERSINDICAL SAÚDE – TRABALHO – DIREITO

COORDENAÇÃO DESTA EDIÇÃO DIHS/ENSP/FIOCRUZ - PROJETOS ENSP 041- FIO-14, ENSP 006-FIO-15.

A Saúde do Trabalhador e a crise político-partidária: "*me inclui fora dessa*"

Nesta edição

Editorial – A Saúde do Trabalhador e a crise....	1
Entrevista – Carlos Minayo-Gomez	2-3
Artigo do mês – Fatima Sueli Neto Ribeiro	4
Perfil – Washington Luiz Mourão Silva/ASFOC	5
Informes	6

*EDITORIAL**

Frente à atual crise político-partidária que vive o país, a coordenação do Fórum Intersindical de Saúde do Trabalhador reitera que sua proposta está acima de tendências partidárias. Seu objetivo é discutir a saúde do trabalhador. E para discutir saúde, ainda mais do trabalhador, não é preciso, nem é atualmente possível, discutir na perspectiva partidária. Na perspectiva política sim, sempre. A saúde do trabalhador está em crise há décadas. Ao vivermos tempos conturbados, em que partidos, ditos de esquerda, cujo ideário deveria ser a defesa de valores éticos contra o capital que explora trabalhadores e esfacela sua saúde, fazem acordos exóticos com esse mesmo capital, é preciso reafirmar os princípios de defesa da saúde. Esse é o nosso lugar de fala... o de defesa da saúde dos trabalhadores ... contra o capitalismo predatório que acumula infinitamente mais capital às custas da força de trabalho, dilapidando sua saúde e que, com a benção de uma certa "esquerda", dilapida o Estado brasileiro. Partidos políticos são necessários para identificar as forças em jogo na arena das democracias modernas, desde que sejam fiéis ao que defendem e propugnam. A inteligência política de defesa da saúde, como é o caso do Fórum Intersindical, deve ser capaz de separar o joio do trigo. Deve ser capaz de visualizar as diferenças. Onde está a defesa da saúde do trabalhador nesses anos de indiferença com esse grave problema de saúde pública? Onde estão certos setores de uma dita esquerda para defender a vida no trabalho, mais do que defender conchavos e maracutaias mal esclarecidas com a escória do capital? Se sabemos que à direita do espectro político reside a razão da exploração no trabalho e se à esquerda não reside a solução, onde estamos? Para onde vamos? A grave crise que estamos vivendo, hoje, no Brasil, coloca partidos políticos em cheque e em choque. Nas instituições públicas e no sindicalismo, partidos políticos são legitimamente adotados por pessoas que fazem as coisas funcionarem, mal ou bem, mas buscando cumprir sua missão. Contudo, em matéria de saúde do trabalhador as coisas não vêm funcionando. Enquanto esse editorial é escrito algumas dezenas de trabalhadores perderam suas vidas. Algumas outras dezenas de trabalhadores ficaram inválidos permanentemente para o trabalho. As famílias de uns e de outros, sabe-se lá

"Onde estão certos setores de uma dita esquerda para defender a vida no trabalho, mais do que defender conchavos e maracutaias mal esclarecidas com a escória do capital?"

quantas, estarão, em breve, carecendo de políticas mitigatórias provocadas pelo descaso e ao sabor da desgraça. Para fazer saúde do trabalhador é preciso agir sem medo e com pressa. A atual crise brasileira, como outras, passará, e estaremos por aqui na mesma trincheira de luta. É hora de fazer a crítica do partidarismo político de setores da esquerda que sabem partir para o confronto, em defesa de seus interesses partidários, mas estão longe de defender os interesses dos trabalhadores contra o capital explorador da saúde dos trabalhadores. É hora de apressar a criação de novos fóruns, criar comitês de investigação da morte no trabalho, criar grupos de trabalho, apressar a formação de quadros, enfim, repensar o papel de todos nós. Nossa crise é a doença e a morte no trabalho. Na que está por aí "*me inclui fora dessa*"... ■ ■ ■

*** Os editoriais do Boletim expressam a opinião da coordenação do Fórum Intersindical e nem sempre a de todos os participantes. A cada reunião ordinária, os editoriais são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias pela saúde dos trabalhadores.**

A fala da Saúde do Trabalhador

FIS - Professor Minayo, como se deu sua inserção na área de saúde do trabalhador?

Minayo – Foi com minha entrada na Fiocruz para contribuir na I Conferência Nacional de Saúde do Trabalhador (I CNST), em 1986. Tive o privilégio de viver um momento ímpar de integração entre academia, instituições públicas e um movimento sindical plenamente engajado nas lutas de suas categorias, particularmente, pela saúde no trabalho. Pessoalmente, entrar na área significou uma magnífica guinada na minha vida, após longa trajetória dedicada à educação popular, à assessoria sindical e à formação. Decisões e ações que me custaram sete anos de exílio. Hoje, considero um privilégio poder continuar essa trajetória, fazendo uma síntese de minhas vivências anteriores de reflexão teórica e de formação-ação, por meio do apoio que venho dando para a implementação da Política Nacional de Saúde do Trabalhador e da Trabalhadora (PNSTT).

FIS - Professor, o que acha da saúde do trabalhador no Brasil de hoje?

Minayo – Concordo com a maior parte das análises críticas que diversos parceiros realizam sobre a situação da sociedade brasileira e da saúde dos trabalhadores na atual conjuntura e, inclusive, com as várias razões para explicarem tal quadro. No entanto, prefiro não insistir em abordagens suficientemente discutidas. Principalmente porque há uma proliferação de discursos repetitivos e denunciativos que não levam a propostas necessárias ao aprimoramento das práticas.

Carlos Minayo-Gomez, ou simplesmente Professor Minayo, dispensa apresentações. Quem "faz" e vive a saúde do trabalhador no Brasil já o leu, conheceu-o, acolheu-o, incorporou-o. Minayo é uma das partes mais robustas desta história que continua sendo escrita: a luta pela saúde no trabalho. O Brasil escolheu esse espanhol durão e risonho, meio Don Quixote, meio Sancho Pança, para auxiliar na luta pela saúde e dignidade no trabalho.

Nos últimos anos assumi uma posição, seja como professor ou assessor, de evitar discursos ideológicos repetitivos ou que acabam se restringindo a meras denúncias. Tenho optado por aportar contribuições propositivas para subsidiar a prática de profissionais de saúde ou para desvendar problemáticas de determinadas categorias ainda pouco tratadas, tanto nas áreas de conhecimento como pelos profissionais de vigilância em saúde dos trabalhadores e trabalhadoras.

"...prefiro não insistir em abordagens suficientemente discutidas. Principalmente porque há uma proliferação de discursos repetitivos e denunciativos que não levam a propostas necessárias ao aprimoramento das práticas..."

Estimo como muito relevante o fato de ter sido instituída a PNSTT, que expressa de forma bastante consistente e pormenorizada o patrimônio reflexivo e de práticas acumulado ao longo das últimas décadas por setores acadêmicos, entidades representativas da sociedade civil e profissionais dos serviços. Sua promulgação era almejada desde a I CNST. Também assinalo como importante o decreto presidencial sobre a Política Nacional de Saúde e Segurança no Trabalho de 2011. Esse dispositivo visa superar a fragmentação das ações interministeriais no âmbito do trabalho, da saúde e da previdência. Apesar das limitações e de algumas inconsistências que contêm, é de se esperar que propicie articulações efetivas entre as três áreas. Quanto à PNSTT, a despeito de sua enorme relevância, sua implementação enfrenta enormes desafios na atual conjuntura.

Destaco, entre eles, o referente a um dos seus objetivos prioritários que é o fortalecimento da Vigilância em Saúde do Trabalhador (Visat) e sua integração com os demais componentes da Vigilância em Saúde, com vistas à promoção da saúde e de ambientes e processos de trabalho saudáveis. Ainda que diversos avanços tenham sido obtidos em determinados Estados, são muitas as limitações para realizar ações a esse respeito, em conformidade com os critérios metodológicos estabelecidos nas normativas atuais para a implementação da política.

FIS - O que acha da atuação articulada entre a academia, a Renast e o movimento sindical?

Minayo - Ter por referência a PNSTT é uma oportunidade ímpar para melhorar ou superar o distanciamento entre a academia no apoio às práticas dos serviços e das organizações de trabalhadores. No caso da Visat, o grau de complexidade requerida para o desenvolvimento de algumas ações exige conhecimentos específicos para a intervenção. Quanto à academia, as próprias políticas de ciência e tecnologia já questionam em todo o mundo a produção de conhecimentos que não redunde em benefício da sociedade. Nesse sentido, é louvável que sejam muitas as pessoas de diversas áreas do conhecimento estudando os problemas decorrentes da relação saúde-trabalho, trazendo subsídios para a implementação de ações de vigilância nos setores estudados. Em geral, os melhores estudos são os que articulam as abordagens teóricas com o saber que vem da experiência dos trabalhadores e suas organizações. Essa estratégia metodológica é fundamental para a eficácia da Visat. Quanto à Rede Nacional de Atenção Integral à Saúde do Trabalhador (Renast), é importante assinalar que, em boa parte dos Centros de Referência de Saúde do Trabalhador (Cerest), falta um quadro qualificado, suficiente e estável de profissionais capazes de consolidar práticas interdisciplinares e intersetoriais condizentes com as diretrizes da Visat. A ausência de critérios técnicos na indicação de gestores, por motivações de cunho político-partidário, costuma ser um complicador frequente e comum em instituições públicas brasileiras. Mas, apesar das limitações, observam-se diversas experiências significativas de Visat em determinados segmentos econômico-produtivos e em várias localidades, desenvolvidas em alguns Cerest do país. Uma delas acontece no sul do país e tive a oportunidade de acompanhar. Teve sua origem no Encontro Macro-Sul da Renast, em 2012. As discussões travadas nesse encontro, primeiro desse nível organizado no país, incluíram a socialização das práticas desenvolvidas nos estados e municípios da região. Essa valiosa reflexão propiciou a definição dos setores que seriam priorizados nas ações da Visat nos estados e, entre eles, o de frigoríficos. Com a finalidade de subsidiar a implementação de ações, foi criado um grupo de trabalho com representantes dos estados que programou um processo continuado de formação-ação dos técnicos da região. Como resultado desse processo de capacitação foi elaborada uma proposta de Visat nesse setor, tendo como referência fundamental a NR-36. Essa NR vem pautando uma prática bastante frutífera dos Cerest, junto às empresas sob intervenção. Em relação aos movimentos de luta dos trabalhadores pela saúde, que já tiveram sua importância nas décadas de 1980 e 1990, constata-se nos últimos tempos uma grande fragilidade que se reflete também na atuação das Cist (Comissão Intersetorial de Saúde do Trabalhador). Embora existam formalmente Cist em todos os estados e alguns municípios, em geral, o nível de representatividade dos seus membros é limitado e o seu funcionamento precário. São raros os casos de engajamento de participantes dessas comissões em todas as etapas do processo da Visat. Alguns Cerest aderiram à iniciativa muito bem avaliada do Ministério da Saúde de promover cursos de educação à distância nos estados para uma atuação qualificada de agentes do controle social na Visat. Contudo, vários motivos, como entraves burocráticos, impediram a sua implementação em grande parte dos estados e, por isso, a proposta não obteve o êxito almejado. É indiscutível a necessidade de se realizarem atividades de formação de recursos humanos para atuar em sintonia com as diretrizes da Visat. Mas é preciso que seja uma formação que leve em conta a heterogeneidade dos Cerest, dos seus gestores e técnicos, e de outros agentes. Assim como é necessário que se estabeleçam estratégias diversas de acompanhamento das práticas. Por isso, o processo de formação precisa ser repensado e deve se distanciar dos tradicionais cursos universitários de extensão. Enfim, tenho grandes expectativas nos desdobramentos dos projetos de formação em Visat já executados em vários estados. É o caso do Fórum Intersindical instalado no Rio de Janeiro, constituído com a participação dos diversos atores fundamentais para a implementação de ações transformadoras da situação de saúde dos trabalhadores. ■ ■ ■

Carlos Minayo-Gomez é pesquisador aposentado da Fiocruz e atualmente coordena e participa de ações de educação popular em saúde de trabalhadores e trabalhadoras artesanais.

Câncer no trabalho: está na hora de fazer alguma coisa!

Fatima Sueli Neto Ribeiro

artigo do mês

Câncer ou neoplasia maligna é um conjunto de doenças que têm em comum o crescimento sem controle da divisão celular e a capacidade de invadir os tecidos e órgãos em outras regiões do corpo (metástases). As neoplasias ou tumores significam o aumento do número de células. Quando são benignas, as neoplasias possuem crescimento organizado, lento e não invadem outros tecidos. No caso do câncer, não é assim. Diversas substâncias químicas podem causar alterações na estrutura celular (mutagênicas). Elas alteram a estrutura do genoma ou a expressão genética das pessoas, através de trocas na sequência do DNA: a herança genética que configura as características das pessoas. O tempo entre a exposição e o aparecimento de sintomas pode levar de 5 a 40 anos e tem seu início após a exposição. Diversos fatores pessoais e externos configuram riscos de câncer associados entre si, por isso o câncer é multicausal. Os fatores de risco podem ser pessoais ou externos. Os pessoais, tal como a carga genética familiar, representam 20% dos casos e ainda assim precisam dos fatores externos que representam 80%. Hábitos de vida, fatores ambientais e fatores relacionados ao trabalho são suas causas. No caso que nos interessa de perto - câncer relacionado ao trabalho - são muitos os fatores conhecidos. A Radiação não Ionizante, por exemplo, encontra-se nas ondas de rádio, nos raios do sol (ultravioletas) e nas micro-ondas. No caso de trabalhadores, com exposição ao sol por longo período, especialmente entre as 10 e 15 horas, a principal consequência é o câncer de pele. A Radiação Ionizante, especialmente para trabalhadores de usinas nucleares e os que operam exames de raios X e tomografia, causa leucemia, câncer de tireóide, de mama, de osso e, também, de pele. Trabalhadores que operam com aparelhos de telefonia móvel apresentam risco para câncer de cérebro. Neste caso, parece que os usuários comuns, como a maioria das pessoas atualmente, também estão expostos, principalmente os que a utilizam por longo período de tempo. Os resíduos de indústrias siderúrgicas e químicas são fonte conhecida de risco de câncer de pulmão, entre outros. Trabalhadores que têm atividades ligadas à queima de plásticos ou de pneus podem contrair câncer de vários tipos, em virtude da substância dioxina. Os agrotóxicos, além de contaminar alimentos e a água que ameaçam a população em geral, são uma fonte de risco de vários tipos de câncer para os trabalhadores, especialmente aqueles que manipulam os venenos e os aplicam. O amianto ou asbesto, elemento utilizado como isolante, em telhas e caixas d'água causam o mesotelioma, tanto de pleura (a membrana que envolve o pulmão) quanto de peritônio (a membrana que envolve os órgãos abdominais). A única prevenção conhecida é evitar a exposição com a proibição do seu uso. A silicose é uma doença típica dos trabalhadores que manuseiam a poeira de sílica. Conhecida desde a Antiguidade, essa doença é muito grave e acomete diversos trabalhadores: os que trabalham em pedreira, no corte de pedras e azulejos, no jateamento com areia, na construção civil, nas indústrias de vidrarias etc. Além da silicose, muitas vezes esses trabalhadores têm câncer de pulmão. Trabalhadores que manuseiam madeira, como carpinteiros e marceneiros, estão expostos à poeira de madeira que está associada ao câncer nasal e de laringe. Os corantes (aminas) das tintas podem causam câncer de bexiga e o benzeno da gasolina e de solventes (como thinner) se associam à leucemia nos trabalhadores expostos.

Fatima Sueli Neto Ribeiro é professora adjunta da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e Coordenadora do Grupo de Ensino e Pesquisa em Câncer (GEPEC)

"O tempo entre a exposição e o aparecimento de sintomas pode levar de 5 a 40 anos e tem seu início após a exposição."

Os cânceres mais frequentes no Brasil e sua relação com o trabalho são: câncer de pele (trabalho ao sol: pedreiro, agricultor, carteiro), mama (trabalho noturno), próstata (caminhoneiro, motoristas de ônibus), pulmão (pedreiro, metalúrgico, agricultor), bexiga (pintores), mesotelioma (trabalhadores com asbesto). As medidas mais importantes são: evitar a exposição, eliminar o fator cancerígeno, adotar fatores de proteção ambiental e diagnóstico precoce, mas, principalmente, mudar os processos de trabalho impedindo a exposição dos trabalhadores. Os equipamentos de proteção são uma falsa proteção, pois não eliminam a chance de exposição à substância cancerígena. É possível que apenas uma única exposição ao agente cancerígeno desencadeie o desenvolvimento de câncer. Assim, não existe limite seguro de exposição para agentes cancerígenos, ainda que as Normas Regulamentadoras (Portaria 3214 do MTE) aceitem a exposição no trabalho. Mudar o trabalho é a melhor forma de proteção. Diversos países já adotam campanhas de Câncer Zero no Trabalho, está na hora do Brasil também começar a própria campanha. ■ ■ ■

Sindicato da Fiocruz – compromisso com a defesa do SUS

PERFIL

WASHINGTON LUIZ MOURÃO SILVA

Washington é diretor de Legislação e Assuntos Jurídicos do Sindicato dos Servidores de Ciência, Tecnologia, Produção e Inovação em Saúde Pública – ASFOC-SN (Fundação Oswaldo Cruz).

Washington chega ao sindicato como dirigente em 2015. Servidor da Fiocruz, desde 1986, primeiro como analista de administração e depois como pesquisador, sempre acompanhou as atividades sindicais. Chegou na transição da ditadura para a democracia, no auge da Reforma Sanitária, e com o Sergio Arouca ocupando a presidência da Fiocruz. Na época, o sindicato era uma associação de servidores. Hoje, a Asfoc tem uma atuação ampla, participa do Fórum dos Serviços Públicos Federais, onde se discute assuntos de importância para o funcionalismo público federal: data base, carreira, Previdência Social, direito de greve, entre outros. Além disso, participa de movimentos, principalmente de saúde, das conferências de saúde e das instâncias que são constituídas para defesa da sociedade brasileira e do Sistema Único de Saúde. Na Mesa Permanente de Negociação com a presidência da Fiocruz discute aspectos relativos à saúde dos seus trabalhadores. Esse mecanismo permite à Asfoc acompanhar com mais efetividade os compromissos firmados na instituição. Atualmente, são reuniões mensais onde são firmados protocolos de ações, acompanhamento e monitoramento da eficácia da implantação. O Protocolo Fiocruz Saudável é um desses exemplos. A preocupação da Asfoc é com todos os trabalhadores da Fiocruz e não só com os servidores estáveis. Washington vê o Fórum Intersindical como um reforço de uma retomada que pode contribuir para mudar a história da saúde do trabalhador. Questões que ficam fora da agenda sindical são aqui discutidas. Outro fórum do Rio de Janeiro é o SIASS (Sistema Integrado de Atenção à Saúde do Servidor), em que o foco era inicialmente a questão pericial, mas vem alcançando outros temas. E o Fórum Intersindical pode reforçar essa luta, com seus canais das diferentes áreas sindicais. O Renato Bonfatti considera que, de um modo geral, a saúde do trabalhador incomoda o servidor e o profissional, tanto da área sindical quanto da academia, porque não se observam resoluções mais efetivas dos problemas. Washington concorda e assinala: "*É preciso encaminhar demandas com a possibilidade de buscar mecanismos de se antecipar aos problemas de saúde do trabalhador, ser proativo, e não buscar resolver o problema depois que ele já se instalou.*" Washington também ressalta que "*O curso de formação intersindical de 2015 foi um momento de conhecimento e ampliação de visão. Ações conjuntas com outros sindicatos podem concretizar soluções.*" Assinala, também, que a Asfoc possui coordenação regional em vários estados e periodicamente realiza um seminário para discutir diferentes questões. Um dos compromissos é levar a pauta da saúde do trabalhador para ser ampliada nacionalmente, com ênfase na saúde mental que já foi ponto de pauta. A Asfoc reitera o compromisso de defesa da Reforma Sanitária e do SUS, em que se insere a saúde do trabalhador. ■ ■ ■

"É preciso encaminhar demandas com a possibilidade de buscar mecanismos de se antecipar aos problemas de saúde do trabalhador, ser proativo, e não buscar resolver o problema depois que ele já se instalou."

Nota da Editoria do Boletim do Fórum Intersindical

Na coluna "Perfil" do Boletim nº 4, a entrevista de Mazola Barreto de Lima, membro da Comissão de Saúde dos Empregados do Sindicato dos Bancários do Rio e participante no Fórum, foi editada sem a sua revisão. Mazola, um dos mais assíduos e ativos membros do Fórum Intersindical, alertou a Editoria de que algumas de suas observações foram retiradas do contexto e generalizadas. Mazola reafirmou a luta pela saúde, por parte do Sindicato dos Bancários, e as eventuais contradições da entrevista não refletem a sua luta e a do Sindicato. Todos os participantes do Fórum sabem que a intenção de Mazola e dos sindicatos é, unicamente, lutar pela saúde do trabalhador. Assim, a Editoria do Boletim saúda o Sindicato dos Bancários, o Mazola e todos os que vêm contribuindo na luta pela saúde do trabalhador no Brasil. ■ ■ ■

[entrevista concedida a Ernani Costa Mendes]

INFORMES

A próxima reunião do Fórum Intersindical de Formação em Saúde-Trabalho-Direito (FIS) será no dia **01/04/2016**, de 09 às 13:00h, no DIHS/ENSP - Prédio da Expansão da FIOCRUZ, localizado na Av. Brasil, nº 4036, sala 905, Manguinhos - Rio de Janeiro.

O Fórum é uma iniciativa conjunta de várias instituições acadêmicas, sindicatos de trabalhadores e dos Cerest (Centros de Referência em Saúde do Trabalhador), aberto à participação de todos os interessados nas temáticas abordadas e na luta pela saúde do trabalhador.

Nesta próxima reunião teremos uma oficina temática sobre CUIDADOS PALIATIVOS E A RELAÇÃO COM O TRABALHO, conduzida por Ernani Costa Mendes e aberta a todos os interessados.

ATENÇÃO
Curso de Formação Intersindical em Saúde-Trabalho-Direito
■
INSCRIÇÕES ABERTAS
O Curso acontece às 6as. feiras, quinzenalmente, de 09:00 às 16:30. Informações com Ana Paula em cursointersindical@gmail.com ou (21)3882-9222/9223 ou 98502.5130
■

O Curso terá início no dia **08/04/2016**, às 09 horas, no DIHS/ENSP - Expansão da FIOCRUZ, localizado na Av. Brasil, nº 4036, sala 905, Manguinhos - Rio de Janeiro.
Aula inaugural com o Professor René Mendes: **'A Saúde do Trabalhador no Brasil, passado-presente-futuro'**

Instalação do Fórum Intersindical da Paraíba

Com apoio do Fórum Intersindical do Rio de Janeiro (FIS/RJ), será instalado no dia 30 de abril de 2016, sábado, às 9 horas, em João Pessoa, o Fórum da Paraíba. A coordenação do FIS/RJ estará presente e convida a todos os demais membros a prestigiarem essa importante iniciativa. É o FIS/RJ contribuindo para a saúde do trabalhador no Brasil. Estão em andamento iniciativas semelhantes no Mato Grosso, Maranhão e Goiás.

Dia Internacional da Mulher: 08 de março
E por falar em MULHER...
GT MULHER E TRABALHO: GÊNERO NAS POLÍTICAS DE SAÚDE DO TRABALHADOR

O mundo globalizado e sua reestruturação produtiva vêm impondo mudanças constantes nos processos produtivos e organizacionais, determinando dessa forma novas exigências de qualificação e flexibilidade profissional para atender as novas demandas da produção e do consumo como fatores estruturantes do desenvolvimento capitalista. Diante desse contexto, torna-se fundamental trazer à tona o trabalho feminino e seu evidente crescimento como mão de obra, a diversificação e a complexidade das tarefas femininas no mundo do trabalho, bem como suas estratégias históricas de resistência e luta política pela igualdade de gênero nas esferas da produção e reprodução social. Segundo o Censo de 2010, somos 97 milhões de mulheres brasileiras, representando 51,04% da população geral e, mesmo assim, enfrentamos as piores condições de trabalho e de qualidade de vida com o acúmulo de tarefas e responsabilidades na vida doméstica, envolvendo a manutenção e a reprodução social da família. A criação do GT Mulher e Trabalho se constitui como um espaço de formação em saúde e trabalho, de troca de experiências, de desafios e de lutas sociais e políticas e, para tal, pretende fomentar condições favoráveis e necessárias para a legitimação da condição feminina na esfera do espaço público, do mundo do trabalho e da vida doméstica, considerando o gênero como uma categoria analítica para o empoderamento das mulheres frente às conquistas e a ampliação dos direitos humanos e saúde das mulheres trabalhadoras brasileiras. ■ ■ ■

MARCIA AGOSTINI – membro da coordenação do GT

Roteiro para funcionamento dos Grupos de Trabalho (GT)
Os GT do Fórum são organizados sob a forma de câmaras técnicas para a discussão entre os seus participantes, nas vertentes de ensino, pesquisa e ação de vigilância. Os GT funcionam com membros representantes dos 3 segmentos: academia, serviço e sindicato. As reuniões de cada GT são agendadas de comum acordo entre seus membros. Espera-se entre as ações de cada um dos GT, com ênfase no seu eixo temático, propor e participar da execução de: debates, seminários, oficinas, reuniões técnicas, cursos de capacitação, laudos, pareceres, solicitação de audiências públicas e de inquéritos civis, pesquisas de saúde do trabalhador nas categorias interessadas e ações de vigilância em ST. As decisões e atividades propostas pelo GT são levadas como Informe para cada reunião ordinária do Fórum. São os seguintes GT: 1 – LER/DORT (Renato Bonfatti); 2 – Mulher e Trabalho (Luciene); 3 – Saúde Mental e Assédio Moral (Jacqueline); 4 – Acordo e Negociação Coletiva (Fadel).

Reunião do Fórum Intersindical – 26/02/2016

Coordenação:
Ana Paula Bragança (mestranda ENSP/FIOCRUZ)
Luciene Aguiar (doutoranda ENSP/FIOCRUZ)
Jacqueline Wilhem Caldas (mestranda ENSP/FIOCRUZ)
Renato José Bonfatti (CESTEH/ENSP/FIOCRUZ)
Luiz Carlos Fadel de Vasconcellos (DIHS/ENSP/FIOCRUZ)

Fórum Intersindical de Formação em Saúde-Trabalho-Direito para a Ação em Saúde do Trabalhador
Av. Brasil, 4036 sala 905, Manguinhos - CEP: 21.040-361
Rio de Janeiro – RJ - Telefone: (21) 3882-9222/9223
forumintersindical@gmail.com